

ANTÓNIO DA SILVA CUNHA MESQUITA

Contos e Lendas do Vale do Neiva



B)
21.134.3-3Mesquit:
IES

1987

À Biblioteca de
Bambelos de
com muita veneração
Ass

Prefácio

O conjunto dos contos que se seguem é uma recolha de tipos humanos do Vale do Neiva, com seus falares, costumes e tradições.

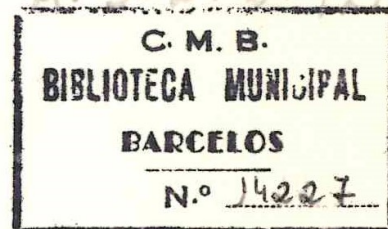
O seu Autor quis recolhê-los, para deixar às gerações vindouras o testemunho de uma época economicamente difícil e a filosofia de vida das pessoas que a viveram.

Julga poder ajudá-las, assim, a manter vivo o amor à sua terra e a compreender e apreciar as diferenças de comportamento, nesta época em que os meios de comunicação transmitem uma cultura e uma forma de vida e uniforme.

Foi este, tão somente, o objectivo deste trabalho.

Possa ele ser atingido ...

*Agradeço a colaboração da Dr.^a Teresa Mesquita
e do Domingos da Calçada na revisão dos textos e ao
poeta Horácio Pinheiro os dois Sonetos, enaltecendo a
beleza do Rio Neiva e do seu idílico Vale.*



MIRAGEM

Funde-se em luz a névoa matutina,
Misterioso véu que se desfaz;
Já revestiu a serra a cor lilaz,
Lá vem a aurora alegre e purpurina!

Um vendaval de vozes já se afina
No seio da paisagem que nos traz
Em gesto ameno uma visão de paz,
Que aos nossos olhos ávidos declina.

Vem de longe bailar na voz do vento
O sonho que morreu no pensamento
E volta a ser agitação e seiva ...

Este é o milagre eterno da paisagem,
Que é delírio de sonho ou de miragem,
— É isto com certeza o Vale do Neiva!

HORÁCIO PINHEIRO

TERRAS DO NEIVA

Uma rola cantando num valado,
Uma azenha em ruínas junto ao rio;
Aquece com ardor o sol do estio
E passa o rio Neiva sossegado.

É verde o pinheiral e é verde o prado,
No campo oiço canções em desafio.
Ouve-se a fonte num beiral sombrio,
Passa um bando de pombas apressado.

Escuta-se o trinar da cotovia,
Reina uma paz de amor e de alegria
Que tudo envolve e tudo faz sonhar ...

É tudo encanto nesta terra amiga,
No verde intenso, no loirar da espiga,
No regato que passa a murmurar!

HORÁCIO PINHEIRO

O TASCO DA TIA ISIDRA

Como de costume naquele inverno longo, em que uma chuva miudinha caía semanas e semanas a fio, dia e noite, o tasco da tia Isidra em S. Bento, ao sábado à noite, enchia de bebedores do bom «rascante», que ela se esmerava em vender. Eram sobretudo jornaleiros que saíam de casa para não ouvirem as lamúrias da mulher e dos filhos, a pedir pão, porque o mau tempo não deixava trabalhar e ganhar a vida. A tia Isidra lá ia apontando nos papéis atrás da porta e esperava por melhores dias porque eles depois pagavam o vinho que iam bebendo e assim esqueciam desgraças e matavam o tempo jogando à «bisca lambida» e à «sueca».

O Toninho, o Escada Velha, o Meira e o Pero sentaram-se à mesa, pediram o baralho de cartas e assentaram: são quatro partidas e vale uma «canada» e uma malga de tremoços com azeitonas.

Foram a reis a ver quem dava as cartas. Tocou ao Toninho e ao Escada Velha jogarem de par. Começou o jogo com os presentes que não tinham dinheiro para a partida a cercarem a mesa e a fazerem comentários. Depois de verem as cartas que os jogadores tinham na mão, falavam em surdina entre si:

— Quem está de fora, racha lenha — resmungou o Escada Velha já muito mal abelhado.

O Pero, a quem o jogo não corria bem, levanta-se um pouco a ver se via o jogo dos seus adversários, e estes escondiam-no cautelosamente para evitar a olhadela. O Pero foi repreendido algumas vezes. Findou o primeiro jogo com acusações mútuas sobre faltas do jogo; porque se não jogaram cartas pedidas e assim se perdeu o jogo, porque se deixou morrer a manilha debaixo do ás e porque, se vem aquela dama, o jogo era nosso.

A coisa azedava-se. Iam já na terceira partida quando o Pero se enteirou todo e disse arrogante para o Escada Velha:

— Arrenúncias «num vale». Boto o jogo abaixo. (E pôs as cartas na mesa). Você cortou à pouco a minha manilha de copas com o valete de trunfo e agora deitei o meu duque de copas e você assistiu.

— Está a gente agora obrigada a aturar rapazes, disse o grandalhão do Escada Velha, e, com um pesado murro nas trombas do Pero, atirou com ele contra o balcão, entornando as malgas cheias de vinho que aí se encontravam.

O Forqueira, o Torto, o Lóio e o Carlota tentaram agarrar o Pero que vomitava palavrão em galego:

— Me cague nas sapatinhas de Franco, conhos, hijos da puta, mala gente esta ... e, à cautela saiu a porta, sumindo-se na escuridão da noite, que não deixava ver viva alma.

Enquanto o rebuliço continuava e se procurava apaziguar aqueles ânimos acesos pelo vinho, a Tia Isidra ia retirando as canecas e malgas do balcão, esconjurando e renegando aquela cambada de bêbados e pedia contas das malgas entornadas.

O Taco, o Leitão e o Torto foram-se sumindo sorrateiramente a caminho de casa.

Dentro já só estavam alguns a comentar o jogo.

O Meira dizia que não tinha nada com o Pero e que estava a ganhar por isso tinham que mandar vir um quartilho, embora ficassem de fora os tremoços.

Depois de ver que já tinham saído quase todos, o Pero meteu a cabeça pelo janelo que dava para o adro de S. Bento, e apontou para o Escada Velha:

— Tu pagas-mas, e há-de ser hoje! — e mostrou o «cochilho» com que havia de lhe rasgar as tripas. Ele tremeu. Sabia que o Pero, nos tempos que andou por Espanha, no princípio da guerra civil, era homem de má contrição. Por isso saiu com cautela para o escuro e os companheiros seguiram-no, para o levarem a casa. Já na cangosta de Pombarinho, ouviu-se um baque e um grito rouco: o Pero jogara capoeira pelo ar, batendo com os pés no peito do Escada Velha, que tombou desamparado no chão. O Pero puxou pela naifa para lhe rasgar as tripas, quando o Meira lhe manda uma bordoadada na cabeça, com toda a força, e ele caiu de borco sobre o peito da sua vítima, sangrando de um lanho na cabeça que tinha uma mão travessa.

Ao ver borbulhar sangue, pensando que tinha sido esfaqueado, o Escada Velha começou a gritar que o tinham matado.

O Toninho, comovido, puxou o Pero para junto da valeta da estrada que ia cheia de água, lavou-lhe a cabeça e a cara, tirou-lhe do bolso um lenço da mão e atou-lho na cabeça a tapar o sangue. O Pero, ao sentir água fria, reagiu, deu umas voltas a ver onde estava, tomou o norte e seguiu ligeiro para casa.

O Escada Velha argueu-se lentamente, olhou por si abaixo convencido que tinha as tripas dependuradas e, como estava atordoado, não saía dali.

O Meira, já abespinhado, disse para o Toninho:

— O melhor é acender-lhe duas lostras no traseiro a ver se ele afina.

— Isso é lá contigo. Se queres, dá-lhas mas tem cuidado. Olha que amanhã pagas-lhas e ele quando dá, dá pesado ... Tem cuidado, Meira, com o que fazes.

— Dizes bem, Toninho, o melhor é ir com ele até casa e lá bebemos-lhe mais uns copos.

Assim foi. Quando de lá saíram tocava o sino para a missa.

O VINTE DIABOS

Vivia do amanho de algumas terras arrendadas, cujo cultivo rudimentar mal dava para o sustento de uma junta de bois, que utilisava no seu ofício de carreteiro, transportando toros de pinho das matas e montes do Vale do Neiva, para as estações do caminho de ferro mais próximas e para Viana do Castelo, onde eram embarcados para vários destinos. Em Balugães, outros pequenos lavradores, caseiros como ele, logo que terminava o São Miguel, se dedicavam à mesma faina. Eram homens que o manejo dos pesados rolos de madeira tornava duros e decididos, segurando com força as correntes que apertavam o travão, tentando assim o carro quando os desequilíbrios do caminho eram mais pronunciados, evitando, desta maneira, que se voltasse. Depois, pela estrada fora, estes homens, lá seguiam o passo lento e forte dos mansos bois até ao destino.

Naquele dia, como era costume, o Vinte Diabos levantou-se pouco depois da meia-noite para «fartar» o gado. Pôs na manjedoura dois cestos de erva e foi de novo «passar pelas brasas» até às três da manhã.

Levantado, chamou o filho para tanger o gado e, metendo os dedos à boca, assobiou, arrancando uns silvos agudos para prevenir os seus companheiros de faina que já estava a aparelhar para sair.

A noite estava fria e as estrelas cintilavam dando à geada que caía um brilho invulgar.

Pouco depois, ouviam-se carros que chiavam nas calçadas e tremeluziam as luzes de petróleo dentro dos lampiões que os alumiam.

O primeiro carro que chegou ao lugar do ajuntamento foi o do Pissote. O Chico do Rosário, o Maleu, o Rufo e o Tinta Negra chegaram em seguida. Só não apareceu o Andreu, por não ter a saca da «bucha».

A «partida» de pinheiros a carregar, era no monte de Sistos e para lá se dirigiram. Vara debaixo do braço, mãos nos sovacos, carapuça enterrada até às orelhas que o frio enregelava, seguiam lentamente os seus carros. À passagem por São Bento compraram uns «moletes» na padaria do «Bicho» que

àquela hora já fumegava e pediram uns copos de aguardente para «estafar a bicheza».

Os rapazes que seguiam com eles para tomarem conta dos bois durante a carga, dormitavam enroscados sobre os fartos sacos de erva com palha, que os bois haviam de comer antes do regresso.

O Chico do Rosário foi antes pelos rosquilhos quetinhos que eram mesmo bons para deitar uma fraqueza fora.

Já tinham passado a ponte dos «Ferrinhos» quando o Vinte Diabos disse para o Rufo:

— O Maleu leva o cão no carro a ladrar e nem assim os bois se mexem ...

— Pobres animais, disse o Rufo, só a sede de dentes que eles passam ...

— Vós não vedes — comenta o Tinta Negra — que aquele desmazelado não cobre os «paus» com o saco para a resina não arrancar o pelo aos bichos?

— Uns bois assim, na feira, valem menos duas notas — acode o Chico do Rosário.

— Se os levar à feira de Cinzas a Barroelas perde um dinheirão, por aquilo que vi na última feira — concluiu o Pissote.

O Maleu foi escutando de má catadura, até que se voltou para o Vinte Diabos, com quem tinha uns amargos de boca:

— Os teus bois não fazem melhor figura. Demais, tu deixaste-os «puxar das mãos» por carregares dianteiro. E eu, continuou o Maleu, não vendo os bois antes de dois anos, por isso escusais de falar neles.

— Porque és burro, rescungou o Vinte Diabos que tinha uma língua muito «comprida».

O Chico do Rosário, o Pissote e o Tinta Negra tinham ficado para trás. O Vinte Diabos e o Maleu lá foram seguindo um pouco abespinhados.

— Sabes que mais? ... disse o Maleu, vai lá para a pôrra e mete-te c'oa tua vida porque eu não preciso de tutores. Nisto, zás ... desapareceu da vista do Vinte Diabos, enfiando direito como um prego no fundo de um poço que havia ao lado do caminho.

O Vinte Diabos ata as mãos na cabeça e diz:

— Onde raio se sumiu esta alma danada? Aí temos nós feitiço de bruxas ou o diabo a fazer das suas.

O Maleu ficou aturdido com a queda mas reagiu, começando a gritar que estava com água pelo pescoço:

— Acudam-me, rapazes, gritava cada vez com mais força.

O Balanço, seu fiel cão que o acompanhava, foi para a borda do poço e começou a uivar, gemendo como uma criança. O Vinte Diabos quando per-

cebeu que ele tinha caído ao poço olhou para baixo e disse num tom sêco de quem não tem alma, cuspiendo umas labiscas, por entre os dentes, lá para dentro:

— Olha, Maleu, quilha-te e para outra vez vê onde pões os pés —. E voltando-se para o filho:

— Tange os bois, rapaz. Ele quando não estiver bem que saia — e seguiu adiante. O cão continuava a latir.

Os três companheiros que seguiam mais atrás, puseram-se a escutar e o Pissote comenta:

— Passa-se alguma coisa ... o cão do Maleu está a ganir.

O Tinta Negra e o Chico do Rosário correram em direcção aos gritos. Ao verem o cão na borda do poço dirigiram-se para lá e ouviram os gritos, desesperados do Maleu, que começava a enregelar com o frio. Depressa emendaram as correntes do carro, que puseram à cinta do Chico do Rosário, descendo este ao poço sustentado pelo Pissote e o Tinta Negra. Pouco depois, à boca do poço, surgia o Maleu, tremendo como-varas verdes. Despiram-no e cada um dispensou uma peça de roupa para o agasalhar.

Lá muito adiante, seguia o Vinte Diabos indiferente à tragédia e preparando-se para carregar o carro.

O Maleu jurava que ia acabar-lhe com a tosse.

— Deixa, lá isso, Maleu, dizia o Tinta Negra. Não foi ele que te empurrou.

— É uma alma do inferno — disse compungido o Pissote — mas lá acabar com o homem não ... Olha Maleu, acende-lhe duas lostras no trazeiro e pronto.

— Podem ter a certeza que vai paga-las. Nós vimos juntos é para nos ajudarmos.

— Bem, isso é verdade — disse o Pissote, mas ele é um desalmado.

— Tu não vês — disse o Chico do Rosário, o que ele faz ao filho: andar descalço pelo meio do mato a chamar os bois?

— Pois hoje eu fui para o fundo mas ele vai para o ar, que vou pendurá-lo pelo pescoço naquele carvalho.

— Haja calma, rapazes — disse o Pissote — senão vai tudo parar aos infernos. E começou a fazer uma «pontas» de varrer cangostas.

Logo que apanhou à unha o Vinte Diabos, o Maleu começou a desancá-lo com a vara mas ele deu um salto, pôs-se em guarda e ia-se defendendo. Entretanto, o cão do Maleu crava os dentes nos fundilhos do Vinte Diabos e rasga-lhe também a pele. A zaragata cresceu e batia-se a torto e a direito. O Rufo encostou-se a um pinheiro e dizia:

— Ó rapazes, haja vergonha ... e já lá tinha também a sua conta.

Com aquele burburinho os bois do Vinte Diabos espantaram-se e fugiram.

O filho, que ia a dormir no carro, caiu e começou a gritar que lhe queriam matar o pai.

O Vinte Diabos já com o «pêlo quente» saltou por entre o mato a atracar os bois; mas só conseguiu alcançá-los no Linhar. Cuspiu muitas vezes para o chão, dizendo:

— Anda, Maleu, raios te partam, que tu vais saber quem eu sou ... e continuou a falar só.

O filho pegou o gado pela sôga e ele, atrás, falava ao gado:

— Anda, Marelo! — e picou os animais para chegar mais depressa a casa e consigo dizia:

— Aquela Pitadas tem má olhadura; viu-nos à saída para a feira ... nunca pensei que ia almoçar hoje desta maneira ...

O CALCOVA

Zé Faria, por alcunha o «Calcova», era um homem forte como uma trave, cãs esbranquiçadas e senhor de uma casa de lavoura cujas terras que ele amanhava com suas irmãs ocupavam parte do lugar da freguesia, de onde herdou a alcunha.

Era um dos homens bons da aldeia. Nas eleições e nas festas fazia-se sentir a sua influência.

No dia quinze de Agosto pela Senhora Aparecida era sempre da Comissão das festas.

Na vistosa procissão deste dia, era vê-lo: fato preto, camisa de peito branco, grossa corrente de ouro atravessada na frente do colete sobre o qual vestia capa vermelha, segurando a vara de prata na mão, imponente como um varão, ao lado dos homens considerados do Vale do Neiva. Naquele ano por causa dos foguetes o abade desentendeu-se com ele.

O Zé Faria azedou-se:

— A festa do adro é connosco.

Foi uma festa de arromba.

Os anos foram andando e veio a crise económica dos anos trinta que tornou muito difícil a vida dos pequenos lavradores.

O gado baixou muito, bruscamente.

Os géneros da lavoura, não tinham procura. O vinho morango só dava cinquenta escudos cada pipa. Não pagava o trabalho.

Pouco a pouco a ruína ameaçava todos mas o Zé Faria não economizava; continuava a gastar sem alterar os hábitos.

Começou a empenhar os bens. Alguns amigos começaram a evitá-lo. Perceberam que ele já não tinha dinheiro.

As arreacadas de ouro e a corrente vendeu-as ele a um ourives de Barcelos sem ninguém saber.

As irmãs já pediam aos vizinhos que as ajudassem e pouco sobreviveram a esta penúria.

Já alguém tinha visto o Faria pedir nas feiras mais distantes.

Agora já estendia a mão à caridade nas feiras de Barcelos e Ponte do Lima. O dinheiro escasseava para todos. Os comerciantes tinham dificuldade em satisfazer os seus pagamentos.

O honrado Tio Bernardo disse para o seu neto:

— Rapaz, prepara-te já para ires ao Banco fazeres o pagamento de uma letra.

A esta ordem, o Tino foi ligeiro mudar a farpela, saltou para a bicicleta e desatou a pedalar pela estrada de Tamel porque só tinha meia hora para cumprir o recado.

Quando chegou a Barcelos já o contínuo fechava a porta do Banco. Era meio-dia, véspera de Natal e dia da feira semanal. Cumprida a missão o Tino foi dar uma volta pela feira, onde em longas filas, havia talhas do louro mel, nozes, avelãs, pinhas, pinhões, muitos sacos de batatas, couves tenras, cântaros com azeite de lagar, carros de padeiros com o saboroso pão coado para a ceia de Natal.

— Ó freguês, merque aqui as nozes — diziam as vendedeiras.

Outras diziam:

— Venha cá buscar as pinhas e pinhões.

Um velhinho, mostrando um fio de mel a cair de uma colher, dizia:

— Vejam como é lindo ...

O Tino olhava tudo com muito interesse porque o Natal lhe enchia o coração. Já com um apetite medonho, foi a uma casa de pasto ali ao lado da feira e mandou vir uma posta de bacalhau assado, pão e um copo de vinho branco porque só bebia desse. Uma moça serviu-o sorridente.

Enquanto comia sentiu no ombro uma mão pesada e uma voz consternada e triste dizendo:

— Ó meu senhor, dê-me uma esmola, pelas alminhas ...

O moço voltou-se ao ver o Zé Faria:

— Ó tio Zé, você não me conhece? Sou o neto do Tio Bernardo.

— 'Stá bem, menino, nem te conhecia.

Sem mais aquelas o Tino voltou-se para a linda rapariga e ordena:

— Ponha aqui para este velhinho uma dose igual à minha.

A moça serviu o Zé Faria que atacou vorazmente a pequena refeição. No fim o pobre homem voltou-se para o rapaz:

— Deus te pague, moço, és neto de um bom homem. E saiu. O Tino procurava nos bolsos o dinheiro para pagar, que devia ser à justa, enquanto a moça o olhava com interesse. Em casa teve de justificar ao seu avô o dinheiro gasto a mais e contou-lhe a história do Ti Zé Faria. O avô recordando a velha amizade com aquele homem, louvou ao neto aquela atitude nobre, deixando assomar aos olhos comovidos lágrimas:

— Vai dizer à tua mãe que arranje uma consoada para o Ti Zé Faria e vai levá-la à casa dele.

Ao chegar lá, bateu à porta e apareceu o pobre homem a quem ele entregou tudo o que bondava para uma farta ceia de Natal, dizendo-lhe:

— Isto mandou o Tio Bernardo.

— Santo homem, aquele Bernardo! — e, a custo, escondeu as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto —. O Menino Jesus te faça feliz, meu rapaz, e Bom Natal para todos vós.

A MANCA PENEIREIRA

Uma das actividades artesanais que existiam em Balugães, no princípio deste século, era o fabrico de mantas de lã e de farrapos, que se vendiam nas feiras de Ponte do Lima, Barcelos, Viana, etc.

A felizarda Paula, a sua irmã Ana, a Grêla, a Lobinha, a Espingarda Velha, a Grila passavam o dia sentadas nos seus teares, fazendo girar as lançadeiras e batendo apressadas os pentes velhos de madeira, num traquear contínuo que ia até ao serão.

Apascentando os seus rebanhos pelos caminhos e terras, as fiandeiras, de roca à cinta, faziam girar ligeiros os fusos entre os dedos, enleando a lã em maçarocas, para depois ser tecida.

A Manca Peneireira não tinha rebanho de ovelhas; fiava lã para as teceiras, indo buscá-la a Braga, a uma fábrica de cortumes que havia na rua das Cónegas.

Às terças-feiras, dia de feira em Braga, tomavam o carro de cavalos do Rachêlo que fazia carreira para lá. Madrugava, naquela terça-feira, a Manca Peneireira, agarrada à sua bengala de marmeleiro, descia das Penedas, com toda a ligeireza até S. Bento.

Naquele dia, quando ali chegou, o carro já tinha partido. O Rachêlo não era homem para esperar por ninguém: fez estalar o chicote e pouco depois o carro passou o Pedregal e subia o Corutelo. A estrada estava chusmada de buracos e o carro era um pesado breque, com seis pessoas na caixa mais o cocheiro e dois passageiros no banco da frente.

Os cavalos começaram a abrandar o trote: o Lazão, o Pelantrina e o Encrenca, cavalos que o dono trazia bem tratados, estavam cansados.

A Manca Peneireira, não tendo visto o carro observa secamente:

— Ide com mil diabos; cá me hei-de arranjar. E dito isto, meteu a Grimaninhos, subiu pela margem do Neiva até ao Folão, depois à Ponte de Anhel, cantando muito alto, a imitar o seu irmão Domingos quando ia buscar o correio ao Tamel. Parecia-lhe assim ter menos medo, naquela manhã escura.

Breve chegou ao Barco da Graça. Atravessou o rio Cávado subiu S. Gerónimo de Real, manca que manca, cismando na partida que lhe pregaram aquelas anzoneiras e o Rachêlo.

Entretanto no carro do Rachêlo vejamos o que se passava: ao chegar a Freixo em frente ao tasco da Colhoa, os burros fincaram as patas no chão e ... nem mais um passo sequer.

— Falta sopa, disse alguém.

— Já sei, responde Rachêlo.

Só quando acabaram de saborear uma sopa de vinho com broa se puseram a caminho. O dia já clareava. A Felizarda Paula deitou a cabeça fora das cortinas do carro e disse:

É quasi dia. Por este andar chegávamos mais depressa a pé.

— Tens razão, concluiu a Lobinha. Os burros andam a cair de cansados.

A Carvalhosa riu-se. Estavam nos Corvos. Ao passar na tasca do Marofa, Os cavalos emperraram outra vez. Queriam mais sopa.

O Rachêlo desceu, pôs a gamela da sopa sobre a lança onde os burros meteram ávidos o focinho, a saboreá-la. Entretanto, o Cangostas e o Breijoeiro, desceram também e entraram no tasco, pediram cigarros fortes, trigo e dois cálices de água-ardente, para «matar a bicheza». Mandaram aviar mais dois «cacifos» de água-ardente para o Rachêlo que foi direito a eles e os sorveu de um trago. Então, voltou-se para os dois companheiros e disse:

— Já pagastes, rapazes? ... Então, pagai ...

Saltou ligeiro para o carro, limpando o nariz que estava arrocheado do frio que fazia naquela manhã. Os outros subiram e o carro partiu. O mulhierio resmungava daquelas demoras. Para mudar de conversa, a Sapata ajuntou:

— A feira de Ponte, ontem não deu nada. Não me estreei.

— A chuva foi muita, disse a Paula. Não faltavam laranjas e maçãs levadas pela cheia.

— Eu, se não fujo depressa do areal, disse a Bicha, ia tudo pelo rio abaixo. A feira no areal, no Inverno, é um perigo. Chegou-se ao pé de mim uma lam-bisgóia e perguntou-me — vêde lá, mulheres — se as mantas que eu vendia eram de Terroso.

— Onde é que fica isso? — perguntou a Espingarda Velha.

— Não sei se é lá p'rás bandas da Póvoa — concluiu a Neiva.

A Grêla que vinha muito calada interrompeu:

— Isto de feiras não dá nada; é p'ró caldo e a broa c'oa graça de Deus — e benzeu-se.

Já tinham passado a ponte de Prado; depois a subida é longa e afesto. O Rachêlo chicoteava os cavalos que apenas maneavam o rabo e lá iam a passo.

— Não vale a pena malhar. Não podem mais — resmungou o Cangostas.

Era já meio-dia, quando estas mulheres subiram a rua da Cónega para comprar a lã, e deram de cara com a Manca Peneireira, que já vinha com o saco à cabeça. Ao verem-na, ficaram «sarapantadas».

— Ó mulher, tu ou tens diabo ou vieste cá ficar ontem, comentou a Grêla:

— C'o diabo andais vós, anzoneiras, falsas amigas, que não esperastes por mim. Ovelha manca não tem sesta. E dito isto, a Manca Peneireira lá se foi até ao barco da Graça.

Eram seis horas quando chegou a Balugães.

O CHICO DA BICA

Nasceu pobre, o Chico, e passou a sua adolescência pastoreando o rebanho de ovelhas pelos caminhos da aldeia.

O pai, foi novo para o Brasil e durante muitos anos, não deu rumores de si. Sua mãe e irmãos andavam pelas feiras, comprando e vendendo aves e fruta, para o sustento da casa.

O Chico ia às vezes com elas para aprender o negócio. Começou por comprar casais de rolas, pombas, coelhos e porquinhos da Índia, que negociava com os rapazes da sua idade. Viveu sempre entre mulheres de feira e percorreu com elas todos os caminhos que levam aos mercados da região.

A convivência com aquele mulhério fê-lo amaricado, com uma fala esgançada e indecisa. Punha o cesto na cabeça e maneava o corpo sob o peso da carga como faziam as suas companheiras de jornada, caminhando ligeiro e tagarelado com elas.

O grupo das feirantes era quase sempre o mesmo: a Pabóia, a Cabaças, a Penica, a Tristoa, a Pinheira, a Patacas.

A Cabaças não simpatizava nada com as maneiras pouco masculinas do Chico e comentou:

— Ó mulheres, este diabo nem tem jeito de homem nem nada ...

— Deixa lá, disse a Pitadas. Tu nunca viste para poderes dizer isso.

— P'la aragem se vê quem vai na carroagem, continuou ela.

Não estava longe a feira de Barroselas e o Chico da Bica amuado, disse secamente:

— Estas mulheres de pau e manta só sabem dizer asneiras.

A Pitadas voltou-se para ele:

— Vai, vai, ficamos livres de um empecilho.

O Chico entrou na feira, pôs o cesto no chão, pagou o bilhete para ocupar o lugar e em seguida vendeu logo um gordo par de coelhos, duas rolas, um par de frangos pedreses de grande crista vermelha. Os dois porquinhos da Índia, como era o resto, vendeu-os ao desbarato.

Foi pela feira das ovelhas, e, como o dinheiro fosse pouco, comprou uma ovelha magricela com mômbo. Chegou a casa e meteu-a na corte, juntando-a ao seu pequeno rebanho que levou pelos caminhos, a retouçar a tenra erva das beiradas. Mas a sua verdadeira tentação, eram as rolas, as pombas, os melros e toda a passarada que apanhava em laçadas e metia em gaiolas. Era já um moço, senhor de alguns cobres, podendo comprar cabras e touras: um pequeno regatão.

Pensou em casar. Perto de si morava a Joana, um corpanzil de moça nada bem feito, olhar baço e parado, de trato boçal. A natureza não foi sua amiga, nem em dotes físicos nem de inteligência. Porém era a única que aceitava os madrigais do Chico.

Passou tempo bastante e ela percebeu as intenções dele. Também pastoreava ovelhas pelos mesmos caminhos e, nos mais escondidos faziam o seu namoro.

Um domingo na missa da manhã, o padre, na homilia, leu a licença que autorizava o casamento do Chico e da Joana.

No fim da missa, todos comentavam o casamento do Chico:

— Olha que par de França ... Quem diria que se iam juntar aqueles pombinhos ...

Casaram. Uma boda simples. Só os acompanharam os parentes. Ao meio-dia houve uma refeição um pouco melhorada e assim terminou a festa.

Na segunda-feira, lá foram os dois para a feira vender os seus animais. O Chico fazia o elogio das ovelhas, pegava-lhes pela lã e erguia-as no ar, depois pousava-as, apartava-lhes a lã e dizia:

— Veja que carne tem este bicho, freguês.

A mulher não abria boca. Na volta da feira, diz-lhe o Chico:

— Olha, mulher, tu tens que ajudar ao negócio, habituar-te a comprar e a vender. A despesa da casa agora já é maior e não tarda o primeiro filho. (Sim, porque, afinal ele não era aquilo que se dizia).

A Joana que nem conhecia bem o dinheiro, abriu muito os olhos, resmungando:

— Ó home, ninguém nasceu ensinado. Dá tempo ao tempo. A ti também te levou certa demora a aprender, e foram as mulheres da feira que te ensinaram ...

— Isso é que tu estás enganada. O segredo do negócio, guardavam-no bem para elas. Eu aprendi se quiz ...

Veio o primeiro filho, e o Chico ficou todo contente.

Os gastos aumentaram, a vida começou a ser mais difícil, mas lá o foram criando, como Deus era servido.

Como um mal nunca vem só, o Chico adoeceu e a Joana lá foi como para a feira, fazer o seu negócio.

Quando regressou, cheia de curiosidade, o Chico perguntou-lhe:

— Então, como correu a feira?

A Joana arregalou muito os olhos possuída de grande confusão pois não tinha a certeza de ter feito bom ou mau negócio, botou para cima da cama, quatro notas de vinte mil réis dizendo, rispidamente:

— Toma lá, figurãzinho, comprei uma ovelha por cem mil réis e vendi-a logo por oitenta. Ganhei vinte mil resinhos. Ainda querias melhor, se calhar? ...

O Chico, sacudido por um tremendo abalo, levantou-se com vontade de a estrafegar. Olhou-a de alto a baixo e viu aquela estatura enorme. Ficou-se, não fosse ela botar-lhe as manápuas ... Então, voltou-se, desolado, para ela:

— C'o esses vinte mil reisinhos que ganhaste, vai buscar o que faz falta para comer.

— Está bem, diz ela — sem compreender nada — eu vou mas diz-me quanto vale a nota que levo.

O NADIEL

A encosta do monte Castro sobe em socacos ora abruptos ora mais suaves, na parte mais alta, e daí para baixo são os outeiros e depressões que correm de sul para norte. Os caminhos seguem mais ou menos a mesma orientação embora em planos e altitudes diferentes; pouco se dirigem a fêsto para a crista do monte.

Os terrenos de meia encosta são secos, de origem granítica. Aí só vinga a urze, o tojo e a giesta.

A horta e pomar, só de inverno. É neste espaço que se erguem as casas dos mais humildes, em retalhos de terra plana arrancados com enorme esforço ao monte.

Mais para baixo ficam as casas de lavoura, gente mais abastada que cultiva os férteis campos que se estendem até as margens do Nevoínho e do Neiva. Num acanhado espaço plaino sobranceiro ao caminho principal da freguesia, entalada entre duas cangostas que descem de salto para ele, ficava a pequena casa da Tarcisa Botas.

Tinha junto um cruzeiro onde o povo rezava quando os «clamores» que saíam da Igreja Velha em cortejo penitencial se dirigiam ao Mosteiro de Nossa Senhora Aparecida a pedir-lhe protecção para os seus males.

Um pouco para baixo, mas não longe, havia boas casas e para Norte a um tiro de espingarda, erguia-se a casa do Brasileiro. Da fonte que lhe chamavam da Cal jorrava uma farta bica de água límpida e leve, que caía do outro lado do caminho numa poça retangular, muito espaçosa, onde a gente pobre lavava a sua roupa.

A tia Tarcisa Botas houvera dois filhos varões e duas raparigas. A vida torna-se mais dura depois da morte do marido. Os filhos emigraram, e as filhas, que já eram moças, jornadeavam em casa dos lavradores mas abastados.

A Mariana que era a mais velha tomou da mãe o ofício de «bicheira» e nos tempos vagos lá ia com as suas sanguessugas para aplica-las em padecentes que sofriam de tensões altas ou de hematomas produzidos por fortes contusões, para lhe extraírem o sangue denegrado.

O povo acreditava na eficácia das sangrias que tudo curavam.

Um dia chamaram a Mariana para ir a Quintiães aplicar as suas «bichas». Um moço que já em tempos fora seu namorado dirigiu-lhe uns galanteios a que ela não foi indiferente.

Depois esqueceu aquilo. Nesse dia, porém, encontraram-se num caminho de altos valados por onde subiam uns carvalhos raquíticos que o tornavam muito escuro.

Foram breves as palavras. Ele agarrou-a sofregamente para si e depois de muitos beijos e cochichar amoroso, a pobre Mariana ...cedeu.

Passado o período normal da gestação, a Mariana deu à luz. Foi um dia negro naquela casa humilde. Mais uma boca a sustentar, sem terem que bondasse sequer para as três criaturas.

Depois vieram os comentários das más línguas. Era tempo de «sacho» e as mulheres em grupos pelos campos sachavam o milho e metiam a foice na vida alheia. Moça que caísse na desonra era humilhada sem dó nem piedade. A sua irmã Rosalina que fazia parte do grupo das sachadeiras dizia:

— Ó mulheres reles, a minha irmã concerteza aconteceu-lhe «aquilo» por ter calçado socos d'home macho que, ela, coitadinha, até nem teve culpa.

As companheiras riam a bom rir com a ingenuidade da moça, piscando maliciosamente os olhos umas para as outras.

O Nadiel ia crescendo entre os compridos espaços da fome e os breves momentos em que conseguia algo para enganar o estômago.

A mãe levava-o todos os domingos à missa pois queria-o crente como ela o fora sempre. Tímido, olhos grandes e meigos, de um olhar quase de súplica, receosos de olhar alguém de frente, vestindo calças de lã, camisa de estopa, um gorro velho na cabeça, tamancos nos pés, que ele, na larga passada que dava, poisava escrupulosamente no chão primeiro o tacão, depois a palma do pé, para os não estragar, pois não tinha mais nada para calçar.

Por vezes punha-se ao janelo da casa ouvindo os sons do piano que vinham da casa do Brasileiro e o deleitavam.

Nunca sentiu rancor ou invejou nada dos mais afortunados. Nasceu simples e conformado. Cresceu e passou a guardar o rebanho de sua mãe. No Vale do Neiva, as pessoas de mais posses compravam as ovelhas que entregavam a quem se comprometia tratá-las. Depois eram divididos entre os dois interessados as crias, a lã e o que o animal desse a mais no acto da venda. O Nadiel passou a apascentar o rebanho pelos caminhos da aldeia, chovesse, caísse geada ou fosse calor de rachar. Ao Domingo ia à missa da manhã e, de tarde, ia aprender a doutrina que assimilava com lentidão.

Certa tarde, o abade perguntou-lhe:

— Quantos Deuses há, Nadiel?

— Dois, respondeu ele sem hesitar.

O abade pensou ser engano e voltou a perguntar. A resposta foi a mesma:

— Há dois Deuses: Um para mim e outro para o Zequinha Magalhães (que era o filho do Brasileiro).

O Abade ficou surpreso com a resposta mas depois pensou:

Talvez o tonto tenha razão ... e deixou passar aquela blasfêmia.

O rapazio da terra quando o encontrava com o rebanho atirava-lhe pedras para o arreliar. Ele olhava-os com queles olhos tristes e não os odiava. Eram rapazes ... perdoava-lhes. Hoje faziam-lhe aquilo, amanhã riam-se com ele, acari-nhavam-no e davam-lhe nacos de broa. Nunca lhes quis mal mas embirrava com o «Gaiolas», um corcunda que não prestava para nada, nem sequer era como ele próprio e se metia com as pessoas para saber tudo. E também perguntava às pessoas se tinham botas ou gaiolas para lhe dar; às moças perguntava se tinham namoro e se queriam casar com ele ... até à «Riquinha» que era a paixão secreta do Nadiel. Essa afronta ele não a engolia por» nada.

Passaram os anos, morreram a mãe e a tia do Nadiel, e ele foi viver em casa de uns parentes.

Aí dormia num alpendre e comia a malga de sopa com o naco de broa que lhe davam.

Numa manhã linda de sol andava o Nadiel a dar uma volta pelo terreiro da casa, quando o gaiolas, ao passar pelo caminho o lorigou a falar com a tia Paciência.

Voltou-se para ela apontando o pobre Nadiel e perguntou-lhe:

Ele vai à missa?

— Vai, respondeu ela.

Ele tem botas tia Paciência?

— Pois não havia de ter ...

Roído de inveja vendo que da boca do Nadiel saía um fio de saliva resultante dos seus padecimentos do estômago, exclamou:

— Ai o excomungado como ele se baba. Se fosse a si tia Paciência matava-o. Ouvindo isto o pobre Nadiel entrou no seu cubiculo a morder-se de raiva ... Foi decerto a única vez que sentiu vontade de estrancinhar alguém.

O TIO CONHO

O tio Conho era homem de poucas falas, sotaque galego, estatura meã, vesgo do olho esquerdo — o que o fazia andar de cabeça inclinada para o chão e voltada para o lado direito — e com acentuada marreca.

Andou muitos anos pela Galiza por isso lhe chamavam o Conho.

Casou-se com a Parvalhosa, rapariga que andava pelas feiras, como muitas outras, negociando fruta, hortaliças e legumes, e ganhando para o amanhã da casa

Alta madrugada, choveses ou nevasse, saíam de casa: no Inverno, à luz de lampiões, ou nas manhãs lindas de Primavera, aos primeiros alvares coloridos do nascer do dia.

Marcavam o lugar para se reunirem, e, depois, o grupo de mulheres de feira lá seguia escoltado por dois ou três homens, seus familiares, para protegê-las nas fortalezas ou lugares de má fama, onde os salteadores apareciam.

Não raro lhes roubavam o dinheiro e, às vezes, até a mercadoria que levavam nos cestos.

Quando clareava o dia, os homens regressavam a casa, e, ao nascer o sol, já estavam nos lavradores, para darem início à jorna.

Quando as feiras davam um pouco mais de ganho, as mulheres regressavam a casa de carro de cavalos ou nas camionetes de feirantes.

Não havia durante a semana um dia de descanso senão o Domingo para ir à missa de manhã e, à tarde, a reza do terço. Segundas-feiras: S. Julião de Freixo e Ponte do Lima; Terças-feiras iam lá para os lados da Póvoa, comprar a cebola, os alhos e cenouras; Quartas-feiras, Barroelas; Quintas-feiras, Barcelos; Sextas-feiras, Viana do Castelo e Sábados, Lanheses. Era este fadário, semanas, meses e anos.

Numa sexta-feira, pelas duas horas da madrugada, ao fundo da estrada nova, começaram a chegar as primeiras mulheres à luz de lampiões. Eram a Riquinha, a Carcanhola e a Engrácia. Logo a seguir, chegaram a Catota, a Pila e a Bolareca. Depois a Paula, a Penica, a Peneireira, a Tina e a Bicha. A Sapata

chegou mais tarde e provocou logo um certo azedume, pois aquela hora, disse ela a Bolareca, já deviam estar a passar o Reboledo.

Desta vez seguiam a guardar o grupo o Conho, o Peta Negra e o Crélego.

À passagem pela casa do Samuel Pato, ainda botaram contas à vida a ver se teriam dinheiro para irem de carro até Viana, mas a Carcanhola disse:

— Ó mulheres, é cedo, vamos a pé e ganhamos dinheiro.

— Vamos, vamos, atalharam logo a Penica, a Catota e a Parvalhona, que iam tesas como virotes.

A Tina, começou a cantar o vira que vira, torna-te a virar, e o grupo procurando logo afinar as gargantas, respondeu certinho às voltas do vira.

Ao passar no cemitério de Barroselas, cantaram às almas e rezaram por quem ali dormia o último sono.

A Reboeira achou muito bem e disse:

— Olhai, mulheres, quem sabe se alguma de nós aqui passará para o ano?

— Ora, ora, reflectiu a Codorniz, não são coisas para pnsar nelas. Seja o que Deus quiser.

Então a Riquinha disse que se devia cantar o novo hino da senhora Aparecida que era muito lindo.

— Qual novo? — perguntou a Pitadas.

— Então disse a Pitadas com um encolher de ombros—Tu não foste à novena?

— Pois olha que é lindíssimo, acrescentou piedosamente a Riquinha.

— Então começa lá, disse a Pabóia.

A Riquinha começou a cantar e as outras lá foram ouvindo até aprender. Estes versos, continuou a Riquinha, foram feitos pelo Tone Mesquita, o Gordo, e a música ouvi dizer que foi feita pelo mestre da banda do três de Viana. Dizem que é o senhor Ribeiro Dantas, o melhor mestre destas terras todas do Norte. Estavam a chegar ao Alpões e, de repente, a Grila, a Pabóia e a Zica estacaram. Do meio dos silvados da margem da estrada saíram dois homens.

Ao verem-nos sair da sombra, as mulheres ficaram aterradas e começaram a gritar.

O Chulo, um dos assaltantes, avançou para elas de carabina na mão e o Carço, cúmplice do Chulo, de faca erguida e voz cavernosa:

— A bolsa ou a vida, botem cá o que levam ...

— Nós não levamos nada, vamos para a feira de Viana p'ra levar a vida.

— Já disse, não quero tretas, venha para cá depressa o dinheiro ou sai pólvora pelo cano fora, dizia o Chulo, da má catadura.

O Carço praguejava também e erguia ameaçadoramente a faca. As outras companheiras fugiram como um bando de perdizes, a esconderem-se entre o mato e gritaram:

— Aqui del rei, ladrões, quem nos acode ...

O tio Conho que com os outros dois companheiros haviam ficada para trás, em conversas só para homens ouviu o grito de socorro e disse:

— Ouço gritos; aqui há porra com as mulheres. Vamos tê-las ...

E os três correram cosidos com o muro da quinta. Os salteadores não viram. O tio Conho descarregou tamanha pancada com o seu lodo, no braço do Chulo, que a carabina voou pelos ares, enquanto o Crélego mandava com o olho do seu machado para as costas do Caroço que o dobrou pelos rins como varado por um tiro. O Tetanegra espezinhou com a chanca cardada a mão com que o Caroço segurava a faca, baixou-se, apanhou-a e disse para o Crélego:

— Vou crava-la no cu deste alma negra...

— Não, disse o Crélego, nós não somos assassinos. Apenas guardamos as nossas mulheres. E, deixando os salteadores estendidos, foram procurá-las.

Elas, percebendo o que se passava, saíram dos esconderijos para a estrada e, na ponte de Vila Fria, já estavam juntas à espera dos homens. Chegaram ao armazém do sal e, como vinha gente de Anha e do Castelo do Neiva para a feira, já não tinham medo.

Entretanto, os dois ratoneiros regressaram a casa e o «Chulo comentou para o companheiro:

— Olha lá, tu não viste que eram as mulheres de Balugães, que trazem sempre a guardá-las uns caceteiros sem alma, que dão sem só nem piedade?

— Claro que não sabia. Achas que é muito bom levar uma malha destas?

E assim se foram, de ossos moídos, a lastimar a sorte má, daquele mau encontro.

Em casa, o Tio Conho começou a doidejar:

— Essa coisa de a minha mulher andar por caminhos de noite, para ia às feiras, tem que acabar ... e ficou a cismar naquilo. Quando a mulher chegou, à noite, disse para ele:

— Olha, homem, a feira hoje, não deu sequer p'ra bucha e um prato de sopa:

— Foi mau, respondeu ele, e pensou consigo: p'rà próxima, vou tirar-me de cuidados e apareço sem ela contar lá na feira.

E, meu dito, meu feito: apareceu lá por volta do meio-dia. Foi ao tasco do Bigodes para comer. Ia aí um estardalhar de vozes, chiavam torneiras e as canecas mostravam na boca a espuma do «rascante de Perre». O Tio Conho passeou a vista pelos comensais e viu a mulher sentada numa mesa. Dirigiu-se para lá. A mulher não demonstrou surpresa.

— Resolvi vir até cá. Foi um passeio.

— Fizeste bem, homem.

Entretanto chega a criada e diz:

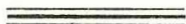
— É o costume, Tia Parvalhosa?

— Sim, disse ela, contafeita.

Pouco depois a moça apareceu com duas postas avantajadas de bacalhau, um prato de batatas acogulado, um grosso naco de broa quentinha e uma caneca de litro do tinto a espumar. Em seguida um prato de sopa de pencas, muito grossa, que levantava um moribundo. No fim da refeição, a mulher levantou-se, puxou da saca do dinheiro que trazia ao peito, deu uma nota de vinte escudos para pagar e a coroa que sobrou, deu-a à criada. À noite, o Tio Conho fitando a mulher com olho vego comenta:

— Ó mulher, a passares assim daquela fome, não precisas de andar pelas feiras, porque eu já percebi, que essa larica não te deixa juntar tostão. A Tia Parvalhosa não foi mais para mercados ou feiras mas começou a definhar e já não alinhava conversa. Pouco tempo resistiu à solidão monótona da casa. Morreu como as aves a quem se rouba a liberdade.

O Tio Conho compreendeu tarde o golpe que desferiu na companheira. Solitário, viveu ele também, o resto dos seus dias.



Escola Gráf. Oficina de S. José - Braga - 3-87

biblioteca
municipal
barcelos



14227

Contos e lendas do Vale do
Neiva